

## UMA ABORDAGEM DE ESTUDO DA MARCA DE USO ‘BRASILEIRISMO/ REGIONALISMO’ NAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS.

*Nilza Aparecida Alves CARDOSO\**

### 1- Introdução

O léxico de uma língua constitui um conjunto estruturado de todas as unidades lexicais de uma dada comunidade lingüística. Retomando as próprias palavras do lexicólogo francês Guilbert (1975) pode-se dizer que o léxico compõe-se de: “um conjunto de palavras que existem e que existiram em uma tradição lingüística, mais ou menos distante, sendo que o aspecto social transparece no conceito de ‘tesouro’ da língua”<sup>1</sup>. (GUILBERT, 1975, p. 46).

Desse modo, todo falante recria e perpetua um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sócio-cultural de sua comunidade. Com efeito, o léxico é o testemunho de uma realidade, da história de uma civilização, reflete os seus anseios e valores, configura-se, portanto, como portador de expressão e interação social. Sendo assim, toda e qualquer sociedade dispõe de uma somatória de palavras cujo inventário pode estabelecer o elo entre a sua linguagem e o universo cultural. E sobre isso reportemos a Biderman (1981):

---

\* Mestranda em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>1</sup> Nossa tradução do original em francês: “(...) *L’ensemble des mots qui existent et qui ont existé dans une tradition linguistique plus ou moins lointaine, l’aspect social transparait dans le concept de “trésor” de la langue*” (GUILBERT, 1975, p. 46).

O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como com o meio cultural. (BIDERMAN, 1981, p.134).

Neste sentido, léxico é o nível da língua que mais perfeitamente conservar o saber lingüístico de um povo como também representa a maneira como uma comunidade exterioriza e organiza o seu mundo.

Desse modo, é no âmbito lexical que podemos verificar os conceitos e os referentes dos aspectos físicos e histórico-culturais inseridos em uma sociedade. Na sociedade brasileira, evidência-se que a Língua Portuguesa apresenta traços característicos distintos do português de Portugal, resultante da própria constituição histórica do país, isto é, da influência de contatos com outras línguas e da especificidade de fatores sociais, étnico-culturais e geográficos. Considera-se, também, que tais fatores se encontram diretamente refletidos no nível lingüístico peculiar a cada grupo social, distribuídos geograficamente em diferentes regiões brasileiras. Como elucida Pires de Oliveira (1999)

O português brasileiro, variante lingüística do português europeu, trazido para o Brasil, pelos colonizadores entre os séculos XVI a XVIII, em especial, foi mesclando-se com os idiomas indígenas locais, principalmente o Tupi-guarani e mais tarde, com várias línguas africanas, trazidas para nosso país através dos escravos. (...) Podemos observar que a variante brasileira do português não se apresentava homogênea. Verifica-se, sobretudo no nível lexical, “marcas” regionais. Por vezes esse vocabulário regional registra traços bastante diversificados devido, principalmente, às grandes

extensões geográficas do nosso território, em alguns casos, à influência de povos oriundos de outros pontos da Europa. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 48-49).

A referida lexicóloga registra também a influência da norma entendida como o costume, a tradição continuada que se verifica nos hábitos lingüísticos de uma comunidade. Esclarece, no entanto, que alguns desses traços regionais são representativos de uma região específica, enquanto outros já se estenderam aos mais diferentes espaços geográficos. Assim, há “unidades lexicais que representam o léxico empregado em uma dada região, em contraste com outras que pertencem ao vocabulário geral da língua”. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p.4).

É observável que muitos lexicógrafos, na confecção de um dicionário, incluem inúmeras palavras caracterizadas como ‘brasileirismo/ regionalismos’ em suas obras, objetivando, sobretudo, documentar e registrar o léxico local próprio de uma comunidade lingüística. Nesta óptica, estes dicionaristas buscam não somente descrever e estabelecer uma organização sistemática do léxico que proporcionam aos consulentes informações lingüísticas, apresentando-lhes as indicações sobre os diferentes usos e significados de determinadas unidades lexicais, relações gramaticais, etimologia, pronúncia, assim como, dentre outras informações a identificação da marca de uso, situando a região em que é empregada uma determinada lexia. Embora, muitas obras lexicográficas apresentem contradições nas classificações de ‘marca de uso’ com distintas referências geográficas.

Desta forma, o propósito dessa pesquisa é analisar algumas palavras classificadas como brasileirismos/ regionalismos nos seguintes dicionários da Língua Portuguesa: Novo Aurélio Dicionário da Língua Portuguesa /Século XXI, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (versão eletrônica); Dicionário Houaiss da Língua

Portuguesa, de Antônio Houaiss (versão eletrônica) e O Dicionário de Usos do Português do Brasil, de Francisco da Silva Borba. Para tanto, selecionamos 15 palavras retiradas do conto “Chóóó Pan” da obra *Urupês* (1918) de Monteiro Lobato, com objetivo de verificar se tais lexias apresentam discrepâncias de marca de uso regional quando contrastadas com cada um dos três dicionários mencionados acima. Ressalva, ainda, que para cada lexia elegida analisaremos apenas as acepções dos dicionários que estejam em consonância com o contexto do conto em questão. Dessa maneira, é oportuno esclarecer que as abonações lobatianas, em que foram coletadas as palavras, encontram-se em anexo, hauridas a esta pesquisa. Com relação à metodologia das referidas listas de palavras, adotaremos para a entrada de cada uma das unidades lexicais a forma maiúscula e em negrito. Em seguida virão as abonações com períodos completos, delimitados por aspas e em itálico. No entanto, estas abonações serão acompanhadas da localização da obra, com data de publicação e indicação da página entre parênteses. Já no que concerne a organização das análises destas palavras, que serão expostas no decorrer deste trabalho, por questões didáticas apresentaremos as lexias estudadas em ordem alfabética. Contudo, desobedeceremos esta ordem, nos casos em que ocorram semelhanças de tratamentos atribuídos a alguma lexia já estudada. Nestas condições, optamos por analisá-la, em subseqüência, conjuntamente com a outra unidade vocabular.

Dado o exposto, cumpre salientar também que sabemos da importância e da necessidade que se tem de pesquisas mais sólidas nesta temática de estudo, para dirimir as dúvidas quanto à informação de palavras tratadas como ‘brasileirismos/ regionalismo’, cujos dados em obras lexicográficas são bastante incompatíveis e nem sempre confiáveis. Compreendemos, ainda, que não é uma tarefa tão fácil e muitos pesquisadores encontram dificuldades em lidar

com esta questão. Por isso, buscaremos, neste estudo, tratar somente da problemática de critérios e/ou ausência de critérios estabelecidos por estes dicionaristas, apresentando sempre que possível alguns apontamentos e considerações. Posto isso, passaremos para análise do ‘*corpus*’.

## 2 - Análise das palavras

Começamos esta pesquisa com a unidade lexical ‘Biscate’ que, conforme o dicionário Aurélio, trata-se de uma palavra de origem expressiva, um brasileirismo, definido como “*bico*” ( na acepção 2). Quando se busca esta remissiva temos um brasileirismo familiar, significando “*Pequenos ganhos avulsos e/ou tarefa ocasional que os possibilita; biscate, gancho, galho, viração*” ou, ainda, “*Emprego subsidiário, pouco rendoso; gancho*”. Em contrapartida, encontramos a palavra “Biscate”, no dicionário Houaiss, apresentando étimo semelhante ao atribuído pelo dicionário Aurélio. No entanto, esta lexia é registrada, nas acepções 2 e 4, com marca de uso derivação por extensão de sentido e derivação por metonímia, designando respectivamente “*Ocupação ou serviço eventual, de curta duração e não regular; bico*” e “*Remuneração (ger. pequena) recebida como pagamento por esse tipo de trabalho; bico*”. O “Dicionário de Usos do Português do Brasil” de Francisco da Silva Borba assinala semelhante significado em comparação aos demais dicionaristas acima, configurando a definição de “*Serviço pequeno e avulso; bico: galho*”, porém não apresenta nenhuma marca de uso.

Observando as controvérsias dos dicionários relacionados acima, entendemos que a palavra ‘Biscate’ deixou de ser referenciada atualmente. É uma palavra provavelmente em desuso, embora a lexia “Bico”, no sentido de “serviço eventual”, seja a forma mais aludida. Vale lembrar, ainda, que a palavra “Biscate” sofreu outra

extensão de sentido ao ser empregada, pejorativamente, como mulher prostituta.

No que concerne ao item lexical ‘**Capadete**’, formado por processo de derivação sufixal (capado + ete), segundo o dicionário Aurélio tem procedência latina (capado participio de capar, do latim vulgar \**cappare*), é classificada como brasileirismo do Sul, referindo-se a “*Porco capado (1), mas ainda não cevado*”. Informa o dicionário Houaiss similar origem e sentido para esta palavra “*Bacorinho capado, destinado à engorda*”, no entanto, marcado apenas como substantivo masculino. No dicionário do Borba esta lexia não foi encontrada, entretanto, há registro apenas da palavra ‘Capado’.

Percebe-se a discrepância de critérios destes dicionários quanto ao registro e a marca de uso. Acredita-se que a palavra “Capadete” não seja mais um brasileirismo, uma vez que a formação de diminutivo - **ete** na língua portuguesa já está em desuso. Esta palavra, também, não se encontra registrada no dicionário de usos da Língua Portuguesa de autoria de Francisco Borba, que assegura ser um dicionário que trata do uso efetivo do sistema lingüístico de nossa língua a partir do ano de 1950. Embora, não podemos tomar como referência somente esta última informação, pois reconhecemos a delimitação de critérios adotados em uma obra lexicográfica.

O terceiro item lexical pesquisado “**Carapina**” é de étimo tupi, um brasileirismo, segundo o dicionário Aurélio na acepção “*V. carpinteiro*”. Recorrendo a remissiva “Carpinteiro” encontramos o significado de “*Artífice que trabalha em obras grosseiras de madeira*” (acepção 1), registrado como sinônimo de brasileirismo. No que se refere ao dicionário Houaiss, a palavra “Carapina” é também de origem Tupi [ *kara'pina* ], um regionalismo: Brasil e diacronismo antigo, na acepção “*No Brasil colônia, carpinteiro de obras de madeira em geral, que não as*

*construções e reparações navais. Obs.: cf. carpinteiro*”. Já a remissiva “Carpinteiro”, conforme assinala este dicionarista, é um substantivo masculino que designa “*artesão que trabalha com madeira, montando esp. obras pesadas, como estruturas, vigamentos, tabuados etc. Obs.: cf. carapina, marceneiro, moveleiro*”(acepção 1). No dicionário Borba a lexia “carapina” é definida como “*Individuo que trabalha em obras de madeira; carpinteiro*”, embora não há referência a nenhuma marca de uso.

O vocábulo “Carapina”, provavelmente, seja um brasileirismo dado à evidência do étimo tupi. Muitas palavras de uso no Brasil foram formadas a partir de radicais das línguas indígenas, sabemos que os índios no convívio com os brancos apreenderam a Língua Portuguesa, mas deixou resquícios de sua língua na formação da Língua Portuguesa do Brasil. Temos relatos da progressão deste contato acentuado pela peregrinação dos bandeirantes em terras brasileiras, que por onde passava batizava os referentes da natureza e, conseqüentemente, expandiram os nomes de étimo tupi. Estes nomes, de origem tupi, eram evidenciados inclusive nas práticas sócio-culturais.

Outra unidade lexical coletada foi o vocábulo “**Chumbo**”, de origem latina [ *plumbu*], encontrado no dicionário Aurélio, nas acepções 1 e 2 respectivamente, com as seguintes explicações “*Elemento de número atômico 82, metálico, cinza-prateado, mole, muito denso, utilizado em ligas com diversos metais [símb.: Pb ]*” e “*Grão desse metal, para caça*”. O aludido lexicógrafo considera esta lexia, na primeira acepção, como sendo um elemento da química, já na segunda acepção não há registro de marca de uso. Destarte, o dicionário Houaiss registra a palavra “Chumbo” com a mesma procedência etimológica em relação ao dicionário Aurélio, porém caracteriza esta palavra como regionalismo: Brasil de uso informal, empregada para referir-se a “*Tiro, bala, fogo*” (acepção 8). Em contrapartida,

deparamos com a palavra “Chumbo” no dicionário Borba com a marca de uso coloquial, no sentido de “*Bala, projétil*”. Evidencia-se que a primeira definição atribuída à palavra “Chumbo” no dicionário Aurélio é, meramente técnica relacionado à área específica da química. Talvez não haja uma necessidade do registro deste uso na referida obra lexicográfica, já que existem dicionários técnicos relativos a campos afins. Todavia, nota-se que a lexia “Chumbo”, apresentado por este dicionarista, no sentido de “Grão desse metal, para caça” e, ainda, descrito nos outros dois manuais lexicográficos referenciados acima, com a definição específica de “bala, fogo, tiro”, é comumente empregada no Brasil. Contudo, revela também as práticas do exercício de artilharia ou manuseio com qualquer especialidade de armas. Com relação a esta última definição, percebe-se que a unidade “Chumbo” sofreu uma extensão de sentido no âmbito da língua portuguesa em oposição ao significado de “elemento de número atômico 82”. Muito provável que seja um vocábulo peculiar do linguajar brasileiro e de teor popular, ao designar uma expressão do tipo “boa de Chumbo”, isto é, “boa de tiro, bala” próximo ao sentido buscado no texto literário referenciado neste estudo.

Em seqüência, encontramos a palavra “**Companheiro**”, elucidada o dicionário Aurélio que este vocábulo é um aumentativo de “Companheiro”, originou da palavra [campanha + eiro] do espanhol [compañero]. A lexia “companheiro” é um brasileirismo, significando “*Amigo leal, disposto, com quem se pode contar em quaisquer circunstância*”. Para o dicionário Houaiss, esta unidade vocabular tem procedência do latim [pan(i)] que sofreu algumas modificações fonéticas em algumas línguas, dentre elas, a língua espanhola com étimo de [compañia] e, finalmente, chega a língua portuguesa [companhia]. Esclarece, no entanto, que a palavra “companheiro” é de uso informal, definido como “*Grande companheiro; pessoa*”

*amada pelos amigos e conhecidos por seu espírito comunicativo e solidário*”. Já o dicionário Borba identifica este vocábulo como de uso coloquial, apresentando semelhante definição a aquela atribuída pelo dicionário Aurélio, referindo-se a “*amigo com quem se pode contar*”.

Observando os dicionários acima, é notável que a unidade lexical “Companheiro” tem procedência mais próxima à lexia da língua espanhola, é um vocábulo cujo radical provém de uma língua estrangeira, mas que sofreu alterações e acréscimos de fonemas ao ser incluso na língua portuguesa do nosso país. Aliás, observa-se que a formação desse sufixo é muito produtiva nesta língua. Possivelmente, é uma palavra de formação brasileira de cunho popular.

Com referência a palavra “**Embaúba**” é de origem tupi [Var. *ambaúba*] que segundo informações do dicionário Aurélio significa na língua indígena ‘árvore oca’, um brasileirismo da botânica, no sentido de “*Umbaúba*” . Esta última lexia caracteriza-se, também, como um brasileirismo da botânica, usado para designar variações comuns de “*espécies do gênero Cecropia, da família das moráceas, que se caracterizam pelo tronco indiviso, com grandes folhas digitadas no ápice, e pelas flores mínimas agregadas em espigas muito apertadas. O gomo terminal é grande e protegido por amplas estípulas, constituindo o alimento preferido das preguiças; abriga também formigas agressivas*”. Este dicionarista menciona, ainda, os nomes pelos quais esta árvore é conhecida, como: “*ambaúba*”, “*embaúba*”, “*embaúba*”, “*imbaúba*”, “*imbaúba*”; sinônimo de “*árvore-da-preguiça*”, “*torém*”. Ao focalizar a lexia “*Embaúba*” no dicionário Houaiss encontramos a rubrica angiosperma (relativo à botânica), com o mesmo étimo tupi [*amba’iwa*], significando “*comum às árvores do gên. Cecropia, da fam. das cecropiáceas, com troncos fistulosos, grandes folhas peltadas, ger. palmatífidas, ásperas e discolores, flores em espigas e pequenos frutos nuciformes*”.

[*Ocorrem nas regiões tropicais americanas, várias no Brasil; as folhas são us. como lixas, os brotos e frutos são esp. procurados por preguiças, e dos troncos, freq. habitados por formigas, extraem-se polpa para papel e fibras e fazem-se calhas e pequenos objetos.*]” e, ainda, registra as seguintes formas para esta espécie de vegetal: “ambaitinga”, “imbaubão”, “pau-de-lixá”, “torém”. Com relação ao dicionário Borba, a lexia “Embaúba” é uma árvore de “tronco indiviso, grandes folhas e flores agregadas em espigas”, no entanto, nesta definição não menciona nenhuma marca de uso.

Analisando os dicionários Aurélio e Houaiss, observa-se que “Embaúba” é uma árvore nativa nas regiões brasileiras, provavelmente foi nomeada pelos índios dada à evidência do étimo tupi. Talvez este vocábulo seja aludido com nomes específicos em determinadas regiões brasileiras, sendo, portanto, registrada com diferentes variantes.

Em equivalência, temos a lexia “**Sapuva**”, marcada no dicionário Aurélio com o étimo Tupi, um brasileirismo da botânica que abrange a área de São Paulo, referindo-se a “*Grande árvore (Machaerium stipitatum) da família das leguminosas papilionáceas, de folhas imparipenadas, e de flores roxas, por vezes brancacentas, paniculadas, e cujo fruto é vagem alada, ou sâmara glabra; tem madeira de boa qualidade*”, conhecida com o sinônimo de “Sapuvuçu”. O dicionário Houaiss reconhece que a palavra “Sapuva” é uma espécie angiosperma, de étimo obscuro, sugere que talvez de procedência tupi. Apresenta, ainda, a datação coincidentemente com o “*corpus*” de nossa pesquisa, referindo-se a obra “Urupês” de Monteiro Lobato, de 1918.

Neste dicionário encontramos para a lexia “Sapuva” a definição de “*Ginjeira-da-terra*” e “*Pau-de-malho*”, ambas caracterizadas com a marca de uso angiospermas. A primeira palavra remissiva significa “*árvore de até 12 m (Prunus sphaerocarpa), da fam. das rosáceas, nativa do Brasil, com*

*madeira rósea ou violácea, casca us. contra a asma, folhas coriáceas, ovadas ou elípticas, de que se faz infusão contra a tosse, flores melíferas, brancas, em racemos, e pequenas drupas globosas e escuras*”( acepção 1), com o sinônimo de “caúna”, “cerejeira-do-brasil”, “coração-de-negro”, “coração-negro”, “ginjeira-brava”, “ibiró”, “iviró”, “juá-açu”, “juá-uva”, “marmelo-bravo”, “pessegueiro-bravo”, “pessegueiro-do-mato”, “sapuva”, “tímbó”. Já o vocábulo remissivo “Pau- de-malho” define-se como uma “*árvore melífera (Machaerium stipitatum), da fam. das leguminosas, subfam. papilionoidea, nativa do Brasil (RJ até RS), de folhas compostas, vagens em forma de alfanje e madeira branca, difícil de fender, própria para cabos de malho, macetes e cangas*”, apresentando as formas: “sapuruçu”, “sapuva”, “sapuvuçu”. No entanto, no dicionário Borba não há registro desta espécie vegetal com o nome específico de “Sapuva”.

Interessante que esta árvore é também encontrada no Brasil, o dicionário Aurélio menciona que a lexia “Sapuva” é um brasileirismo de São Paulo, de origem tupi. Já o dicionário Houaiss não se posiciona quanto à procedência e apresenta a rubrica angiosperma, inclusive, para os nomes variantes desta árvore. No entanto, este lexicógrafo, entra em contradição, quando registra nas palavras remissivas do vocábulo “Sapuva” ser “*nativa do Brasil*”. E, ainda, acrescenta na segunda remissiva “*Pau-de-malho*” a característica de uma árvore típica brasileira, abrangendo os estados do RJ até RS. Nota-se, que esta árvore é reconhecida por vários nomes, não foi possível encontrar particularmente a denominação de “Sapuva” no dicionário Borba, não sabemos qual foi o critério escolhido por este dicionarista.

Assim como, consultando os dicionários Aurélio e Houaiss não fica claro, para os consulentes, quais os estados de abrangência que esta lexia é, especificamente, empregada.

Há muito tempo, como já é consabido, carecemos de trabalhos mais concretos nesta área de pesquisa.

Já a unidade “**Esmolambado**”, o dicionário Aurélio esclarece ser formado a partir do particípio ‘esmolambar’, de [es + molambo + ar]. A palavra ‘molambo’ é de procedência dos ‘Quimbundo’ que significa “*Língua banta dos bundos ou ambundos (Angola, África)*”. Assim, apresenta para a definição de “Esmolambado” o sentido de “*Que ou aquele cuja roupa está em molambos. V. maltrapilho*” (acepção 1), assinalado como um brasileirismo. Procurando, nesta obra lexicográfica, a palavra “Maltrapilho” verificar-se que não há registro de marca de uso. Já o dicionário Houaiss atribui para o vocábulo “esmolambado” o mesmo tratamento etimologia encontrado no dicionário Aurélio, inclusive, apresenta semelhante definição “*Que ou o que está em molambos, em farrapo*”, porém não menciona nenhuma marca de uso. No dicionário Borba esta unidade lexical é registrada com o sentido de “*Quem tem roupa velha e suja ou em farrapos, mal trajado*”, mas sem declaração de marca de uso.

No exposto acima, examinando a palavra “Esmolambado” verifica-se uma evidência etimológica e semelhantes definições entre os dois primeiros dicionários. Com relação ao dicionário Houaiss, é possível que se baseou literalmente nas descrições apresentadas pelo dicionário Aurélio. Contudo, ambos diferenciam-se somente no que diz respeito à marca de uso, visto que o dicionário Houaiss não se posicionou. Vale salientar que a lexia “Esmolambado”, segundo os mesmos dicionaristas, é de origem africana. Muitas palavras na nossa língua são formadas a partir deste étimo. Se lembrarmos que no Brasil, no período colonial, ocorreu uma miscigenação de raças entre brancos, índios e negros, sendo este último trazido para o nosso país na condição de escravos, tal fato explicaria a incorporação de algumas palavras de procedência africana e tupi.

Entendemos, assim, que “Esmolambado” talvez seja um brasileirismo apresentando radical estrangeiro de origem africana, mas que sofreu alterações e acréscimo de prefixo e sufixo na língua portuguesa do Brasil, constituindo-se uma palavra parassintética.

Ao referi-se a lexia “**Monjoleiro**” o dicionário Aurélio assinala como um brasileirismo, de uso peculiar nas regiões de MG. e S., significando “*Indivíduo que toma conta de monjolo*” . Esclarece, ainda, que a palavra “Monjoleiro” é formada de [monjolo + eiro], cujo étimo da lexia “Monjolo” é de procedência do ‘Quimbundo’, portanto, de origem africana. Verifica-se que, no dicionário Houaiss, a palavra “Monjoleiro” é definida como “*Indivíduo responsável por um monjolo; 'engenho' (acepção 1)*”, apresenta étimo similar se comparado com o dicionário Aurélio, porém sem registro de marca de uso. Para o dicionário Borba, este verbete é inexistente.

Talvez a lexia “Monjoleiro” pela procedência africana seja um brasileirismo, formado por radical de origem estrangeira acrescido do sufixo [-eiro]. Não obstante, este sufixo é, comumente, empregado em nossa língua para designar um indicativo de função. À guisa de exemplificação, podemos citar algumas lexias como: açougueiro, carroceiro, sapateiro, dentre outras. É notável que a unidade lexical “monjoleiro” não se encontra registrada no “Dicionário de Uso do Português do Brasil” de Francisco Borba. Este fato se justifica, provavelmente, porque na atualidade convivemos com o desenvolvimento e a modernidade de vários equipamentos e, conseqüentemente, as atividades rudimentares exercidas com monjolos já não têm tanta freqüência em nosso país. Assim, acredita-se que, em virtude das transformações ocorridas nos últimos tempos, a palavra “Monjoleiro” vem perdendo, significativamente, a motivação de sua referência.

No escolhido conto Lobatiano encontramos, também, a palavra “**Monjolo**”, como aludido acima, o lexicógrafo Aurélio apresenta para esta palavra o étimo ‘Quimbundo’, de origem africana. No entanto, o vocábulo “monjolo” é definido como “*Engenho tosco, movido a água, usado para pilar milho e, primitivamente, para descascar café*”(acepção 3), caracterizado como um brasileirismo e conhecido, especificamente, nas localidades de M.G. e S. O dicionário Houaiss menciona uma etimológica idêntica ao dicionário Aurélio e acrescenta, sobretudo, que é proveniente da designação do povo. Ademais, percebe-se que este dicionarista parafraseia, também, a definição atribuída pelo dicionário Aurélio, no sentido de “*Engenho rudimentar, acionado à água, us. para pilar milho e descascar café*”, marcado como um regionalismo do Brasil.

O dicionário Borba ao tratar desta unidade vocabular atribui o significado de “*Engenho tosco, movido à água para pillar milho, e primitivamente, para descascar café*”, apresentando um sentido análogo aos demais dicionários explicitados acima, mas sem identificar a marca de uso.

Importante notar que para a palavra “Monjoleiro” o dicionário Houaiss não menciona nenhuma marca de uso, mas esclarece na definição ser uma pessoa responsável por monjolo. Já a unidade lexical “Monjolo” é registrada como um regionalismo do Brasil. O dicionário Aurélio para ambas as palavras, apresenta a caracterização de brasileirismo de MG e do S. É perceptível que este lexicógrafo manteve uma coerência de marcação dialetal idênticas para ambas as palavras analisadas. No que diz respeito ao dicionário Borba, entende-se que para o item lexical “Monjoleiro” já não há mais o costume habitual da execução ou da prática deste tipo máquina, visto que não faz referência a esta palavra. Entretanto, apresenta o vocábulo “Monjolo”, embora sem marca de uso. Certamente, este dicionarista considerou que é encontrado, ainda, este aparelho primitivo

como enfeite em algumas fazendas, não acontece à atividade, mas há presença do objeto. Observamos, também, que nos três dicionários citados acima houve uma similaridade de definições para o item lexical “Monjolo” e nítidas diferenças de marcas dialetais entre os dicionaristas Aurélio e Houaiss. Confrontando os mesmos dicionários não se têm uma clareza de quais são, exatamente, às áreas de abrangência em que é empregada esta lexia. É possível que “Monjolo” seja um brasileirismo, como já expusemos considerações análogas sobre a influência do étimo africano em nossa língua, acrescido de uma possível designação popular. No entanto, é preciso ponderar que hoje este vocábulo possa não ser tão usado e ficado apenas como lembrança ou como referência da infância de pessoas que viveram em fazendas, uma vez que raríssimas são as fazendas que possuem este objeto.

Ao tratar da lexia “**pica-pau**” o dicionário Aurélio sugere a formação [picar + pau], a palavra ‘picar’ originou da base [pik]- ‘golpe’ existente em várias línguas. Assim, para a unidade vocabular “Pica-pau”, este lexicólogo nos remete a palavra “Lazarina” (acepção 4), sem menciona qualquer marca de uso. No entanto, encontramos este último vocábulo com a marcação dialetal de um brasileirismo, na seguinte acepção “*Espingarda de passarinhar, de cano fino e longo; pica-pau*”. Segundo Aurélio a palavra “Lazarina” é um antropônimo de Lazzarino, nome de um espingardeiro milanês do séc. XVI. No dicionário Houaiss encontramos, para a lexia “Pica-pau”, a datação de 1836, apresentando o étimo [picapao] e 1858 [picapáo]. Este vocábulo é, então, definido como “*Espingarda de carregar pela boca, de pequeno alcance; lazarina*” (acepção 2), embora sem apresentar marca de uso. Buscando a palavra “Lazarina” neste dicionário temos um diacronismo antigo, empregado com o sentido de “*Espingarda de um só cano e pequeno alcance us. na caça de passarinhos; pica-pau*”(acepção 2).

Ademais, assinala que a lexia “Lazarina” é de origem controvertida, caracteriza-se também como um antropônimo italiano, menciona, até mesmo, o nome do espingardeiro milanês do sXV, Lazzarino. Para o dicionário Borba “Pica-pau” é uma “*espingarda de pequeno alcance, que se carrega pela boca*”, sem registrar nenhuma marca de uso.

Evidencia-se que a remissiva “Lazarina” nos dicionários Aurélio e Houaiss trazem controvérsias, ambos os dicionários remetem a lexia “Pica-pau” ou vice-versa, mas apresentam problemas com relação à marca de uso. Estes lexicógrafos não informam nenhuma marca de uso no que se refere à palavra “Pica-pau” no sentido de “Lazarina”, enquanto que para a remissiva “Lazarina” o primeiro dicionarista registra, na acepção 2, a marca dialetal brasileiro. Já o segundo dicionarista, na acepção 2, como diacronismo antigo. É notável, portanto, o critério falho de remissivas, aludido neste exemplo, em relação à marca de uso. Ao investigar o dicionário Borba, este não menciona a palavra “Lazarina” na definição do verbete “Pica-pau”. Enfim, consideramos que o vocábulo “Pica-pau” no sentido de “Lazarina”, possivelmente, encontra-se em desuso. Notadamente, percebe-se que hoje já desapareceu o referente desta lexia no sentido de ‘espingarda’. Atualmente, o vocábulo “Pica-pau” é, comumente, mais lembrado na designação de pássaro. Oportuno lembrar que, em consonância com nossa hipótese, o dicionário Houaiss traz para a lexia “Lazarina” a marca de uso diacronismo antigo e para “Pica-pau” a datação de 1836, mas não são informações muito afiançáveis.

No que diz respeito ao vocábulo “**Picumã**”, de étimo tupi, um brasileiro, segundo o dicionário Aurélio nas acepções “*V. Fuligem*” e “*Teia de aranha enegrecida pela fuligem [Var.: pucumã; sin. ger.: taticumã.]*”. Já a remissiva “Fuligem”, neste dicionário, não apresenta marca de uso no sentido de “*Substância preta que a fumaça*

*deposita nas paredes e teto das cozinhas e nos canos das chaminés [sin. tisne, picumã, pucumã]*”. O dicionário Houaiss esclarece, também, que a palavra “Picumã” tem procedência tupi [*ape ku'mã*], significando na língua indígena “*fuligem, negro de fumo; teia de aranha enegrecida pela fuligem*”. Assim, assinala que a palavra “Picumã” em sua obra lexicográfica é empregada como “*Fuligem [var. felugem, picumã, pucumã, tisne]*” (acepção 1) e “*Teia de aranha tornada negra pela ação da fuligem [var. pucumã, taticumã]*” (acepção 2), porém para ambas as acepções não registra nenhuma marca de uso. Este dicionário para a remissiva “fuligem” traz a definição de “*matéria preta, gordurosa, na forma de diminutas partículas, oriunda da queima de um combustível que se desprende e adere aos canos de chaminés e a superfícies em geral*” (acepção 1), sem marca de uso. De acordo com o dicionário Borba “Picumã”, também, é uma “Fuligem”. E este lexicógrafo aponta para esta última lexia a definição de “*Substância preta e fina que a fumaça deposita nas paredes e no teto das cozinhas ou nos canos das chaminés*”, sem apresentar para estas acepções uma marca de uso.

Os dicionários Aurélio e Houaiss reconhecem que a palavra “Picumã” é de étimo tupi, embora para o dicionário Aurélio esta palavra seja caracterizada como um brasileirismo, assim como, as variantes “Pucumã” e “Taticumã”. Já em confronto ao dicionário Houaiss a palavra “Picumã”, como visto acima, não faz alusão a nenhuma marca de uso, o mesmo se nota em relação à remissa “Fuligem”. Por curiosidade, verificamos também as formas variantes da lexia “Picumã”. Interessante a revelação de que a variante “Taticumã” é caracterizada, neste dicionário, como um regionalismo do Norte do Brasil. Através destes dados, é possível induzir a possibilidade de ser uma palavra de formação brasileira reconhecida por diferentes nomes, ocorrendo, então, à especificidade de denominações em

algumas regiões brasileiras. Aliás, é importante registrar que, a migração de pessoas para outras regiões brasileiras é um outro fator indispensável e, por isso, precisa ser considerado quando se analisa as formas variantes pelas quais um determinado vocábulo é, usualmente, reconhecido. Outro lexia coletada é “**Pinguço**” tratada pelo dicionário Aurélio como formado de [ pinga + -uço ], uma vez que a palavra “Pinga” originou de pingo, derivado de pingar, que do latim [ *pendicare*-pendere]. Dessa maneira, vocábulo “Pinguço” é designado como “V. *embriagado*” (acepção 1) e “*Indivíduo dado à pinga; pingueiro, cachaceiro*” (acepção 3), caracterizados respectivamente, com a marca de uso brasileirismo do Nordeste e Sul, de uso popular e brasileirismo de Minas Gerais. Consultando a palavra remissiva “Embriagado” não há marca de uso, no sentido de “*Que se embriagou ou alcoolizou*”. No dicionário Houaiss a lexia “Pinguço” é formado da palavra “Pinga” uma bebida alcoólica, especialmente aguardente de [ cana' + -uço]; do latim [*pend-*, *pendicare*]. A palavra “Pinguço” é, então, assinalada como um regionalismo do Nordeste do Brasil, Minas Gerais e Sul do Brasil, de uso informal, significando “*Diz-se de ou aquele que se embriaga; bêbado, cachaceiro*”. No que concerne ao dicionário Borba, a lexia “Pinguço” é definida por “*Quem bebe muito, beberrão*”, sem especificar nenhuma marca de uso.

Analisando o vocábulo “Pinguço” nos três dicionários citados acima, a impressão que se tem é que o dicionário Houaiss faz uma paráfrase das possíveis definições apresentadas pelo Aurélio. Pois, observa-se que as acepções 1 e 3 do dicionário Aurélio são juntadas em somente uma acepção no dicionário Houaiss, inclusive as marcas de uso. O que traz dúvidas aos consulentes em que região brasileira especificamente a palavra “pinguço”, com a expansão de diferentes denominações em “pingueiro”, “embriagado”, “bêbedo” e “cachaceiro”, é empregada.

Enfim, acreditamos que a palavra “Pinguço” é um vocábulo brasileiro usado para denominar pessoas que exageram na cachaça, cuja bebida é bastante consumida no Brasil. Talvez seja esta uma das razões pelas quais as pessoas viciadas nesta bebida terem recebido nomes diferentes, o que caracteriza a particularidade das variantes deste vocábulo, que, no entanto, são observadas entre os próprios falantes da língua portuguesa, nas diferentes regiões brasileiras.

Dentre as denominações que são atribuídas a palavra ‘cachaça’ encontramos, também, na elegida obra Lobatiana, a palavra “ **Cachaceiro**”. Conforme o dicionário Aurélio, esta lexia é formada a partir de [ cachaça + -eiro], contudo, a base lexical “Cachaça” é de origem controvertida. Assim, expõe este lexicógrafo que “Cachaceiro” é um brasileirismo, nas seguintes acepções “ *Aquele que é dado ao uso excessivo da cachaça ou de outra bebida alcoólica; canista, briteiro*” e “*Que é dado ao uso exagerado da cachaça ou de outra bebida alcoólica; briteiro*”. Para o dicionário Houaiss a lexia “Cachaceiro” apresenta a mesma formação [De cachaça + -eiro], de étimo controvertido, significando “*diz-se de ou quem costuma beber cachaça ou outra bebida alcoólica em grandes quantidades ou imoderadamente; beberrão, bêbedo, bêbado*” (acepção 1), mas sem aludir qualquer marca de uso. O dicionário Borba registra a palavra “Cachaceiro”, sem marca de uso, significando “*Pessoa que bebe muita cachaça*”.

Evidencia-se que a palavra “Cachaceiro” é descrita no dicionário Aurélio como um brasileirismo. Esclarece também, este dicionarista, que a forma “Briteiro”, encontrada na definição de “Cachaceiro”, é um regionalismo do R.J. O dicionário Houaiss não menciona uma marcação dialetal para a palavra “Cachaceiro”. Um fato digno de nota é que, a lexia “Cachaça”, de cuja base lexical se tem a formação da unidade vocabular “Cachaceiro”, neste último dicionário, é marcado na nona acepção como um

regionalismo do Brasil. Este lexicógrafo menciona, inclusive, na definição de “Cachaça” o vocábulo cachaceiro. Há que se notar ainda que, no que diz respeito ao dicionário Borba, em nenhuma das palavras selecionadas para a realização de nossa análise apresentou a marca de uso regional. Embora, seja um manual lingüístico que alude registrar palavras de cunho regional que apareçam, segundo ele, em textos bem localizados regionalmente. No entanto, este pesquisador não elucida, em sua obra lexicográfica, quais foram os critérios selecionados para o tratamento das marcas dialetais. Assim, por considerações semelhantes a aquelas já explicitadas acima na análise da palavra “Pinguço”, entendemos que é possível, também, que “cachaceiro” seja um vocábulo de uso regional no Brasil.

Por fim, analisaremos a palavra “**Sirigaita**”, registrada pelo dicionário Aurélio como gíria, no sentido de “*Mulher pretensiosa e muito saracoteadora*”, este lexicógrafo notifica que a referida palavra é de origem controvertida. Conferindo esta lexia no dicionário Houaiss encontramos a designação de “*Mulher vivaz, ladina, buliçosa*” ( acepção 1) e “*Mulher que usa requebros para seduzir, atrair*” (acepção 1.1), apresentadas como regionalismo do Brasil de uso informal, com étimo também duvidoso. Em confronto ao dicionário Borba, verifica-se que o vocábulo “Sirigaita” não tem identificação de marca de uso, descrito com a definição de “Mulher buliçosa e leviana”.

Abordando as definições dadas pelos dicionaristas em questão, observa-se que “Sirigaita” é uma palavra pejorativa que designa um comportamento feminino. Talvez um vocábulo de extensão restrita a certos grupos sociais de algumas regiões do Brasil ou de pouca frequência em determinadas áreas geográficas brasileiras. Dessa maneira, é uma palavra de teor popular, que denota também um modo

peculiar de expressão ao se referir a um protótipo de mulher soberba e leviana.

### 3 - Conclusão

Como já intercalamos algumas considerações e demonstramos o tratamento de um razoável número de lexias encontradas nos elegidos dicionários: Aurélio, Borba e Houaiss, com nítidas controvérsias de marca de uso regional. Podemos, finalmente, concluir que, evidenciamos a falta de critérios estabelecidos por estes lexicógrafos, algumas vezes os mesmos compilam um dos outros as definições e marcas de uso. Por outro lado, apresentam para uma mesma lexia, verificadas nos três dicionários, informações de usos dialetais bastante díspares entre si, ou até mesmo, há uma ausência de posicionamento quanto à marca de uso<sup>2</sup>.

A fragilidade de critérios é vista, também, no que se refere às remissivas, não ocorrendo à correspondência de marca de uso entre a palavra consultada e a respectiva remissiva. Semelhante tratamento verifica-se ainda quanto à etimologia das palavras. Há diferenças de étimo de alguns vocábulos quando contrastados com os dicionários aludidos acima, particularmente, nos dicionários Aurélio e Houaiss, ilustra o exemplo a lexia “Pica-pau”. Ou, então, ambos os dicionaristas apresentam incerteza etimológica, registrando para certas lexias uma origem obscura ou controvertida. No

---

<sup>2</sup> Observe os comentários aludidos para a lexia “Pinguço”, no que concerne ao dicionário Borba, este lexicógrafo menciona na apresentação de sua obra “Dicionários de Usos do Português do Brasil” tratar-se também de palavras com matizes regionais, porém dentre as 15 palavras pesquisadas, neste trabalho, nenhuma apresentou a marca de uso regional. Há, assim, uma incompatibilidade de critérios, adotados por este lexicógrafo, e se comparados aos demais dicionários buscados para esta pesquisa.

entanto, ocorre o inverso, há vocábulos que o dicionário Houaiss resguarda-se com a expressão “Talvez do tupi”, já o dicionário Aurélio confirma o étimo Tupi.

Nestas condições, observamos, também, que o critério de datação do dicionário Houaiss e a inexistência de algumas lexias no “Dicionário de Uso da Língua Portuguesa” de Francisco Borba, nem sempre são dados confiáveis para afirmar com tenacidade o desuso de um vocábulo, ou mesmo, o sentido equivalente de arcaico ou antigo no léxico da Língua Portuguesa. Vale lembrar, também, que algumas palavras, do léxico português, ditas ‘brasileirismo/regionalismo’ e que foram incorporadas nestes três dicionários podem ser um arcaísmo.

Atualmente, muitos pesquisadores têm sentido a tarefa árdua de estabelecer critérios autênticos e sensatos para resolver a questão de conceituação do que seja um regionalismo. Como se vê, os dicionários apresentam várias lacunas e são ambíguos neste campo de pesquisa. O dicionário Aurélio, por exemplo, considera uma palavra como ‘brasileirismo’ tomando como referência a língua padrão do Português de Portugal. Ora, se uma palavra é típica de nosso país, não procede à escolha desse critério. Precisa-se, então, estabelecer alguns parâmetros mais sólidos. Uma sugestão, por exemplo, seria registrar palavras com nuances regionais considerando o critério de frequência e, ainda, priorizar outra área como língua padrão que seja de distribuição geográfica brasileira. Interessante assinalar a proposta apresentada em uma pesquisa de doutorado pela lexicóloga Pires de Oliveira (1999), neste trabalho acadêmico, adota alguns critérios que considera pertinente na classificação dos Brasileirismos. Assim, para esta pesquisadora, caracteriza-se como um vocábulo de “cor local” no Brasil apenas aquelas lexias que se enquadram na categoria de “Indigenismos, africanismos, (...) brasileirismos semânticos; formações e derivações brasileiras de base

vernácula e de base híbridas e as lexis de origem expressiva próprias do uso brasileiro” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 73). No entanto, a referida lexicóloga reconhece que toda pesquisa é passível de limitações e outros caminhos podem ser percorridos.

Outra estudiosa deste assunto é a lexicógrafa Biderman (2001), que escreveu vários artigos apresentando a problemática do tratamento de palavras ‘brasileirismo/regionalismo’ atribuído aos dicionários de Língua Portuguesa do Brasil, elucida questões consideráveis sobre a temática regionalista. Esta autora, com base em estudos realizados por Boulanger (1985), sugere uma definição de regionalismo, como:

Qualquer fato lingüístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil, com exceção da variedade usada no eixo lingüístico Rio/São Paulo, que se considera como *o português brasileiro padrão*, isto é, a variedade de referência, e com exclusão também das variedades usadas em outros territórios lusófonos. (BIDERMAN, 2001, p.136)

Enfim, muitos trabalhos desenvolvidos no campo da dialetologia precisam ser consultados e averiguados para que possam, com acuidade, estabelecerem alguns critérios. Assim, asseveramos que é necessário rever os trabalhos já realizados em diferentes obras, em pesquisas relacionadas a este assunto e, inclusive, em trabalhos lexicográficos, com o objetivo de alcançar um estudo que seja apreciável e representativo de palavras regionais do português do Brasil.

## ANEXOS

### BISCATES

**Abonação:** “*Se a mulher emmudecia, emmudencia com ella a razão, porque o Teixeira e Maneta eram carapina ruim inteirado, que vivia de < biscates> e remendos. Só a um bêbedo como o Nunes bacorejaria a idéia de metter a monjoleiro um taramela daquelles, maneta, e ainda cego dum vista, por cima*”. (Urupês, 1918, p.67)

### CAPADETE

**Abonação:** “*Teve égua, mas barganhou-a por um < capadete> e uma espingarda velha. Comido o cevado da égua o caco do picapau, d’um cano só e manhosa de tardar fogo*.” (Urupês, 1918, p.64)

### CARAPINA

**Abonação:** “*Esfria-verrumas são os “empaleadores” do <carapina>. Sentam-se com uma nadega na beira da banca e pasmam durante horas do rebote correr na tabua encaracolando fitas, ou de ir ou formão lentamente abrindo uma fura*.” (Urupês, 1918, p.70)

### CHUMBO

**Abonação:** “*Caçavam com espingarda de dois canos, “imitação de Laportes”, boa de <chumbo> como não se apontava melhor*”. (Urupês, 1918, p.64)

### COMPANHEIRÃO

**Abonação:** “*No outro dia maneta partiu para Ponta-Alta, com muito sentimento de Nunes que perdia um <companheiro>. E como não houvesse milho ficou a estréa do monjolo para quando se quebrasse a roça*.” (Urupês, 1918, p.74)

### **EMBAÚBA**

**Abonação:** “*A casa de esteios roliços e portas de <embaúba> rachada, muito encardida de picumam, pronunciava tapera próxima. Porco nenhum. Gallinha escassa.*” (Urupês, 1918, p.64).

### **SAPUVA**

**Abonação:** “*Em roncando o “béé”, mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, todos se escoavam em silêncio. Sabiam, por experiência pessoal, que o ponto acima era o porretinho de <sapuva>. E preferiam ficar no ponto abaixo.*” (Urupês, 1918, p.67)

### **ESMOLAMBADO**

**Abonação:** “*A mulher amanhava a casa n’um grande desconsolo da vida, <esmolambada> ,sem esperanças d’arranjo p’r’aquelle homem. Pernambi, sempre retando o pae, sornissimo, parecia um velhinho idiota*” . ( Urupês, 1918, p.79).

### **MONJOLEIRO**

**Abonação:** “*No bairro dos Porungas, sobre tudo, onde assistia Pedro Porunga, mestre <monjoleiro> de bem soada fama, fungavam-se, à conta das trapalhices do engenho, risos sem fim*”. (Urupês, 1918, p. 61)

### **MONJOLO**

**Abonação:** “*Era natural que prosperasse, com tanta gente no eito. Porisso semeava cada anno tres alqueires de milho tinha dois <monjolos>, moenda, sua mandioquinha, sua canna, além d’uma egua cheia e duas porcas de cria*”. (Urupês, 1918, p.64)

### **PICA-PAU**

**Abonação:** “Teve égua, mas barganhou-a por um *capadete* e uma espingarda velha. Comido o cevado da égua o caco do < **picapau**>, d’um cano só e manhosa de tardar fogo.” (Urupês, 191, p.64)

### **PICUMÃ**

**Abonação:** “A casa, de esteios roliços e portas de *embaúba* rachada, muito encardida de < **picumam**>, prenunciava tapera próxima. Porco nenhum. Gallinha escassa.” (Urupês, 1918, p.64).

### **PINGUÇO**

**Abonação:** “Pedro soube logo da bravata. – Eh! Eh! Aquillo é fogo de jacá velho e calor de < **pinguço**>!...” (Urupês, 1918, p.65)

### **CACHACEIRO**

**Abonação:** “A Porungada, afinal, abandonou o campo - para não haver sangue. -Você fica com o pau, < **cachaceiro**> - concluiu Pedro – mas deixa estar que a de chorar muita lágrima p’r’amor disso .” (Urupês, 1918, p.69)

### **SERIGAITA**

**Abonação:** “Uma < **Serigaita**> americana, em viagem de descoberta ao Brasil, notou em livro de impressões, que os meninos da roça pitavam e usavam grandes facas na cintura. E tinham ares de pequenos facinoras, o que sobremodo a arripiava de horror”. (Urupês, 1918, p.63)

### Referências bibliográficas

- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. **Estudos de filologia e lingüística**. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1981, p.131-145.
- \_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. **As ciências do léxico: lexicografia, lexicologia e terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 131-144.
- \_\_\_\_\_. Análise de dois dicionários Gerais do português brasileiro contemporâneo: O Aurélio e o Houaiss. **As ciências do léxico: lexicografia, lexicologia e terminologia**. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 185-200.
- \_\_\_\_\_. Aurélio: Sinônimo de dicionário? . **Alfa**, São Paulo, 2000, p. 27-55.
- \_\_\_\_\_. A nomenclatura de um dicionário de língua. **Estudos lingüísticos XXIII – Anais de seminário do Gel**. Vol. 1, São Paulo: Ribeirão Preto, 1994, p. 26-42.
- BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa** . (versão eletrônica). 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GILBERT, Louis. **La créativité Lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975. 285 p.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. (versão eletrônica). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Revista do Brasil, 1918, 241 p.
- PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. **O português do Brasil: Brasileirismos e regionalismos**. 1999. 490 f. (Tese de doutorado). UNESP, Araraquara, 1999.

\_\_\_\_\_. Brasileirismos e regionalismos. **Alfa**, São Paulo, 1998, p.109-120.

\_\_\_\_\_. Marcas dialetais num dicionário de língua. **Seminários do grupo de estudos lingüísticos XX VIII – Gel**, vol. 28, São Paulo, 1999, p. 251-256.